

CAMARADA





IDES ler uma das histórias mais belas que um português pode contar ao mundo. E' ao mesmo tempo triste e alegre. Foi preciso que inúmeros portugueses perdessem a vida para que o seu sangue justo bastasse para lhe escrever todas as páginas. Chama-se «RESTAURAÇÃO» essa história e 60 e tantos anos foi quanto levou a escrever...

REAL! REAL!



Começou em Alcaccer-Quibir onde para sempre ficaram os melhores guerreiros de Portugal. E, sem eles, El-Rei D. Sebastião não se sujeitou nunca a voltar.



...envia para Lisboa, Cristovão de Moura que, a poder de dinheiro, compra partidários para a causa de seu amo, entre os poucos nobres que restavam da voragem de Africa...

Não contente com isso, invade o país com o seu exército e derrota D. António no vale de Alcântara. Depois de aclamado Rei, promete nas Cortes de Tomar, defender os direitos e a liberdade dos portugueses.



Breve, porém, esqueceu as promessas abandonando o país à sua sorte. Os piratas holandeses e ingleses roubavam e metiam no tundo os nossos navios carregados de ricas mercadorias.



O povo, porém, queria ser livre e Febo Moniz não se cansou de o dizer. Mas o país estava dividido em partidos e, quando cada um pôde o seu partido acima do interesse da Nação só ganhá quem está de fora e foi o que veio a suceder.



Então, Filipe II, pretendendo aniquilar a esquadra inglesa e assaltar a Grã-Bretanha, de quem Portugal era aliado e amigo, organiza a «INVENCIVEL ARMADA» que se compunha de: 130 navios; 2.400 canhões; 30.000 soldados.



O povo esperava-o à todo o instante e o Bandarra profetizava o regresso que era uma esperança entre o luto de cada família, e não havia família em Portugal que não chorasse ter perdido um dos seus.



Morre o Cardeal D. Henrique e é aclamado Rei, D. António, Prior do Crato. Os governadores, porém, em vez de o ajudarem, fogem para Castela. Filipe II paga essa traição dando a cada um 7.000 ducados em ouro (ou sejam 1.071 contos em moeda de hoje).



Largada do Tejo entre 27 e 30 de Maio de 1581, a «Invencivel Armada» chegou às costas de Inglaterra. Al desencadeou-se furiosa tempestade que desorientou, por completo, os navios. Habitados a estes temporais, os ingleses então atacaram destruindo mais de metade da «Invencivel».



O Rei sucessor — Cardeal D. Henrique — velho e cansado, mal sustentava o cetro na mão. Por isso, vários pretendentes lhe cobicaram o trono. O mais forte, Filipe II de Espanha...





Depois desta derrota veio o caos. A pequena Casa Lusitana que tão bem governada fora pelos seus Reis amigos do povo, viu-se espezinhada e traída. O cofre do Estado estava sempre com dívidas e o Governo passou para a mão de estrangeiros. À frente deles conservava-se S. Cristovão de Moura.



Quando Filipe IV subiu ao trono as coisas iam de mal a pior. Holandeses e ingleses assaltavam e conquistavam as nossas colónias sem defesa. Os impostos subiam cada vez mais. Para salvar a situação, o Rei lembrou-se de transformar Portugal numa província de Espanha.



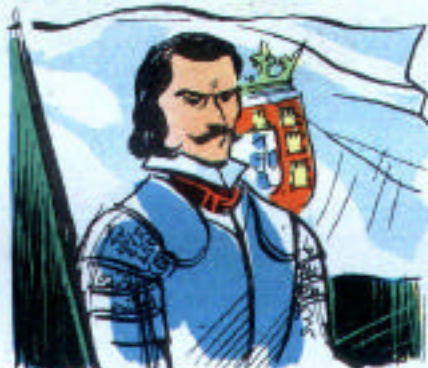
Então, o povo, revolta-se em Évora, Porto, Santarém, por todo o Alentejo e Algarve, apedreja os funcionários estrangeiros, deita-lhes fogo às casas...



Mas, durante este tempo, haviam-se formado novas gerações de portugueses descendentes dos caídos de Alcacer Quibir. Eles não suportavam já o jugo estranho que pesava sobre Portugal. A juventude de 1640 escolheu o seu chefe — D. João, DUQUE DE BRAGANÇA. Os novos esperavam a sua hora...



Ao saber da revolta que ganha terreno, Filipe IV encarrega D. João de passar revista às fortalezas do Reino e dá ordem para, nessa altura, o prenderem e mandarem para Madrid. Mas amigos leais defendem D. João, e o pérfido intento fica frustrado.



A conspiração espalha-se veloz, constitui-se a Junta que chefiará a Revolução, e o DUQUE DE BRAGANÇA resolve aceitar a corôa. O Juiz do Povo, as Corporações, o Clero — todos dão o seu apoio.



Finalmente, naquela clara manhã de sábado, no dia 1 de Dezembro de 1640, ao bater das 9 horas, os 40 conjurados saltam dos seus coches e assaltam o Paço. O velho D. Miguel d'Almeida grita da janela para o povo que acorrera: — «Liberdade, portugueses! Viva El-Rei D. João IV!!!»



O traidor Miguel de Vasconcelos sumira-se, porém. É uma escrava que indica o armário onde se escondeu. António de Meneses executa-o e o seu corpo é atirado pela janela fora à multidão.



Multiplicam-se os gestos de valentia. D. Felipa de Vilhena e D. Mariana de Lencastre armam seus filhos cavaleiros, para que não falem os seus braços na hoste libertadora do Duque de Bragança. E, é gente moça na sua maioria, quem pega em armas para defender este reino, donde os espanhóis haviam levado 2.000 peças de artilharia, 300 navios e mais de 450 milhões de contos.



Em 15 de Dezembro, D. João IV é aclamado, solenemente, Rei de Portugal e por mais 28 anos ainda os seus exércitos fazem valer os nossos direitos, até que, em 1668, os portugueses acabaram de assegurar para sempre a sua INDEPENDÊNCIA, na batalha de Vila Vicosa.

O eco da Revolução de 1640 perde-se com o rodar dos tempos.



Hoje, Portugal e Espanha, reintegrados no seu comum destino ibérico — de novo povos amigos porque independentes — dão-se as mãos e empreendem no Trabalho e na Paz a defesa das civilizações que espalharam pelo mundo.

E, esta é a lição do nosso «Dia da Mocidade» — a lição da nossa Independência, das mais belas que um português pode contar.

F. ELMANO ALVES